

O OLHAR SOB A MÁSCARA

CAIO DRUSO DE CASTRO PENALVA VITA

O OLHAR SOB A MÁSCARA

A RAZÃO DE ESTADO NAS ORIGENS DO DIREITO PÚBLICO MODERNO

Recife, 2002

O OLHAR SOB A MÁSCARA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO
MESTRADO EM DIREITO

CAIO DRUSO DE CASTRO PENALVA VITA

O OLHAR SOB A MÁSCARA

A RAZÃO DE ESTADO NAS ORIGENS DO DIREITO PÚBLICO MODERNO

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Direito da Universidade Federal de Pernambuco, realizada sob a orientação do Professor Dr. NELSON SALDANHA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Recife, 2002

*Il n'est esprit si droit
que ne soit imposteur, et faux par quelque endroit.
sans cesse on prend le masque, et quittant la nature,
on craint de se montrer sous sa propre figure.*

Nicolas Boileau-Despreaux. *Épître IX.*

O OLHAR SOB A MÁSCARA

*Para Tata,
que desvende as máscaras do meu olhar,
razão de todas as minhas razões.*

AGRADECIMENTOS

O resultado deste trabalho é de muitos. Da minha família, primeiro, que deixou de lado o que Eça escreveu – aquela história de que, se existem razões de Estado, há também razões de família –, e me permitiu estar ausente quando tudo exigia a minha presença. Meu pai e meu sogro partiram mais cedo, mas quase os vejo, agora, a ler o que escrevo, a acompanhar os meus passos. Cada um de um modo bem particular, minha mãe, minha sogra, meu irmão, meus cunhados, meus filhinhos, todos eles concorreram para que tudo andasse bem.

Cobrindo as minhas faltas, os colegas da Procuradoria e do escritório me deixaram tranqüilo para que, sempre que preciso, eu me afastasse das minhas funções. A eles todos, e especialmente ao bom amigo que é o Professor Marcelo Zarif, eu devo mais essa.

Aos meus companheiros do mestrado – Mauro, Tony, e todos, todos –, dando sempre mais do que eu lhes dava ou merecia, dentro e fora da sala de aula, agradeço por tudo.

Em Napoli, os Professores Gianfranco Borrelli e Alessandro Arienzo, à frente do *Archivio della Rigion di Stato*, tornaram possível o acesso a elementos de pesquisa sem os quais dificilmente eu poderia reunir o material de base do trabalho.

Também agradeço ao Professor Luciano Oliveira, cujas aulas – as primeiras – inspiraram o desenvolvimento da pesquisa; ao Professor João Maurício Adeodato, sempre aberto e disponível, pela segura orientação metodológica; ao Professor Ivo Dantas, que, além de incentivar constantemente o andamento deste trabalho, teve uma importante participação na minha introdução à orientação do Professor Nelson Saldanha.

E sobretudo ao Professor Nelson Saldanha. Umberto Eco diz que não se deve agradecer ao orientador: orientar, afinal, não é mais do que a sua obrigação... Mas quando este orientador é alguém como o Professor Nelson Saldanha, que de mestre, muito rapidamente, se tornou *o professor* e *o amigo*, um agradecimento é muito pouco. Desde a bibliografia de acesso mais complicado, que, sem que eu precisasse nem pedir, ele me enviava, até o acompanhamento de cada capítulo que eu escrevia, a generosa acolhida do Professor Nelson foi determinante para que a pesquisa fosse concluída. Estão certos os Estatutos de Robert de Courçon, como um dia eu já lhe disse, quando afirmam que *nullus sit scholaris, qui certum magistrum non habet*.

* * *

A Renata, minha pequena menina, meu jardim, o agradecimento que faço é o de uma vida inteira, uma vida que não seria nada se não fosse por ela. É ela quem faz os meus dias, quem constrói os meus caminhos, quem dá sentido aos meus passos. Não vou falar mais nada: disso e de muito mais coisas ela já sabe. Este trabalho, e tudo o que já veio ou que vier, é dedicado a ela, sempre.

VITA, Caio Druso de Castro Penalva. *O olhar sob a máscara: a razão de Estado nas origens do Direito Público moderno*. Orientador: Professor Doutor Nelson Saldanha. Recife: UFPE, 2002. Dissertação (Mestrado em Direito Público), vii+119 p.

RESUMO

Na modernidade, a conotação atribuída ao discurso da razão de Estado é francamente negativa. Ela é vista como um *correlato do arbitrário* no exercício de um poder que, à falta de razões, faz da força o seu único argumento.

À repulsa contra essa face diabólica do poder corresponde uma recusa terminante que se opõe ao seu estudo. Entre nós, pouco ou quase nada é dito sobre ela. É generalizado o silêncio a respeito dessa *máscara* de que se afirma ser forjada em nome do injustificável, para perverter o *Estado de Direito* num estado sem direitos.

Recuperando as raízes da tratadística da razão de Estado, o propósito deste trabalho é demonstrar que, por trás daquela *máscara*, existe ali um *olhar* que lhe confere uma positividade insuspeita. Aqui, a razão de Estado é examinada no contexto das transformações havidas no pensamento ocidental, a partir da instituição de uma *nova ordem* e de um *novo mundo* construídos, *pelo homem e para o homem*, para fundamentar a sua ação.

Contra a negatividade normalmente atribuída à teórica da razão de Estado, o objetivo desta pesquisa é demonstrar como ela influenciou na criação de um *espaço público e comum* para as relações humanas, e como foi concebida mais como um *discurso de convencimento* do que como um *contra-argumento alçado pela força do poder político*. Como um ensaio, enfim, de fundamentação humana para os negócios humanos.

VITA, Caio Druso de Castro Penalva. *O olhar sob a máscara: a razão de Estado nas origens do Direito Público moderno*. Orientador: Professor Doutor Nelson Saldanha. Recife: UFPE, 2002. Dissertação (Mestrado em Direito Público), vii+119 p.

RIASSUNTO

Nella modernità, la connotazione attribuita al discorso della ragion di Stato è decisamente negativa. Essa è vista come un *correlato dell'arbitrario* nell'esercizio di un potere che in mancanza di ragioni, trasforma la forza in sua unica ragione.

Alla ripugnanza per questo volto diabolico del potere corrisponde un rifiuto categorico al suo studio. Tra noi si è detto poco o quasi niente a suo riguardo. Generalmente, si tace rispetto a questa *maschera* che si asserisce esser forgiata in nome dell'ingiustificabile, per pervertire lo Stato di Diritto in uno stato senza diritti.

Recuperando le radici della trattatistica della ragion di Stato, lo scopo di questo lavoro è dimostrare che dietro quella *maschera* c'è uno *sguardo* che gli attribuisce una positività insospettabile. Qui, la ragion di Stato è esaminata nel contesto delle trasformazioni avvenute nel pensiero occidentale a partire dall'istituzione di un *nuovo ordine* e di un *nuovo mondo* costruiti *dall'uomo e per l'uomo*, per giustificare le sue azioni.

In opposizione alla negatività attribuita normalmente alla teoria della ragion di Stato, l'obiettivo di questa ricerca è dimostrare come questa ha influito sulla creazione di uno *spazio pubblico e comune* per i rapporti umani e in che modo è stata concepita più come un *discorso di convincimento* che come una *replica istituita dalla forza del potere politico*. Come un saggio, insomma, di fondamento umano per le faccende umane.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO. UM POUCO ANTES DA RAZÃO	1
1. Uma razão marginal	1
2. As variantes do tema	2
3. A estrutura do trabalho	4
4. Entre o método e a razão	5
CAPÍTULO I. A PRIMEIRA RAZÃO	8
5. Lógos, Kósmos, Pólis: o lugar do pensamento grego	8
6. Cosmovisão e ação política no pensamento de Aristóteles	10
7. A conformação da liberdade num <i>mundo fechado</i>	12
8. Da liberdade à determinação: uma visão da Stoa	13
CAPÍTULO II. DA PRIMEIRA RAZÃO À NOVA ORDEM	15
9. Cristianismo e unidade natural	15
10. A filosofia fundadora: Agostinho e Dionísio	16
11. A ordem na cosmologia cristã	18
12. Do nome e do lugar: uma nova ordem	19
CAPÍTULO III. DA NOVA ORDEM À RAZÃO OCULTA	22
13. Do sagrado ao secular: uma apresentação	22
14. Da teologia à representação: o estatuto do rei	25
15. Unção e autonomia nos corpos do monarca	27
16. A afirmação do político: do sacramento ao oculto	29
CAPÍTULO IV. DO ENCOBERTO AO NOVO MUNDO	33
17. Do kósmos ao universo: a dissolução da primeira razão	33
18. A cidade como obra de arte	35
19. O homem como novo demiurgo	37
20. Um mundo em desamparo: qual lugar?	39
CAPÍTULO V. DO NOVO MUNDO A UMA OUTRA RAZÃO	42
21. A verdade efetiva das coisas	42
22. Maquiavel e os limites do humanismo	43
23. As incertezas e o universo: o barroco e o maneirismo	46
24. A afirmação da técnica: cálculo e razão de Estado	47

CAPÍTULO VI. O ESTATUTO DA RAZÃO DE ESTADO	50
25. A transgressão fora do tempo	50
26. A distinção: entre a <i>ratio status</i> e a razão de Estado	53
27. A experiência e suas fontes	55
28. Do maquiavelismo à razão de Estado	57
CAPÍTULO VII. DO ESTATUTO DA RAZÃO AOS LIMITES DA EXCEÇÃO	61
29. A razão como derrogação	61
30. Do tacitismo ao segredo de Estado	63
31. O desvelamento da exceção	65
32. A razão como revolução	66
CAPÍTULO VIII. DA EMANCIPAÇÃO AO GOVERNO DOS HOMENS	70
33. A razão como gênero e como discurso	70
34. Razão de Estado e diretiva pastoral	72
35. A tutela da religião como tutela na religião	74
36. O governo do método	76
CAPÍTULO IX. DO GOVERNO À PRIMEIRA RAZÃO	79
37. A razão como interesse	79
38. A economia como fundamentação	81
39. O argumento e a transcendência	82
40. Um retorno à primeira razão	84
CONCLUSÃO. ALGO DEPOIS DA RAZÃO	87
41. A razão como argumento e fundamentação	87
42. Entre o fundamento e a exceção	88
43. O interesse como ponto de regresso	89
44. Da máscara ao olhar da razão	90
BIBLIOGRAFIA	92
1. Fontes primárias	92
2. Fontes secundárias	97